

LUZ DE PENTECOSTES – 400 ANOS

“NO ANO DE 1623, NO DIA DE SANTA MÔNICA, DEUS CONCEDEU-ME A GRAÇA DE FAZER O VOTO DE VIUVEZ, SE ELE CHAMASSE A SI O MEU MARIDO.

EM SEGUIDA, NO DIA DA ASCENÇÃO, CAÍ NUM GRANDE ABATIMENTO DE ESPÍRITO POR CAUSA DA DÚVIDA SE DEVERIA DEIXAR MEU MARIDO, COMO O DESEJAVA INSISTENTEMENTE, A FIM DE REPARAR MEU PRIMEIRO VOTO E DE TER MAIS LIBERDADE PARA SERVIR A DEUS E AO PRÓXIMO.

DUVIDADA TAMBÉM SE O APEGO QUE EU TINHA A MEU DIRETOR, AUSENTE POR MUITO TEMPO, NÃO ME IMPEDIRIA DE TOMAR OUTRO E TEMIA ESTAR A ISSO OBRIGADA.

E SOFRIA MUITO TAMBÉM, COM A DÚVIDA DA IMORTALIDADE DA ALMA, O QUE ME FEZ FICAR, NA ASCENÇÃO ATÉ PENTECOSTES, NUMA AFLIÇÃO INCRÍVEL.

NO DIA DE PENTECOSTES, PARTICIPANDO DA SANTA MISSA OU FAZENDO ORAÇÃO NA IGREJA, DE REPENTE, FUI ESCLARECIDA DE MINHAS DÚVIDAS E AVISADA DE QUE DEVERIA PERMANECER COM MEU MARIDO, E TEMO, VIRIA EM QUE ESTARIA EM CONDIÇÕES DE FAZER VOTO DE POBREZA, DE CASTIDADE E OBEDIÊNCIA, NUMA PEQUENA COMUNIDADE COM PESSOAS QUE O FARIAM O MESMO. ENTENDI, ENTÃO, QUE ISSO SERIA NUM LUGAR DEDICADO A SERVIR AO PRÓXIMO; NÃO PODIA, PORÉM, COMPREENDER DE QUE JEITO SE FARIA ISSO, PORQUE, HAVERIA IDAS E VINDAS.

FUI ASSEGURADA TAMBÉM, DE QUE DEVERIA PERMANECER EM PAZ QUANTO A MEU DIRETOR; DEUS ME DARIA OUTRO QUE, (ENTÃO) ME FEZ VER, SEGUNDO ME PARECE E SENTI REPUGNÂNCIA EM ACEITÁ-LO. ENTRETANTO, CONSENTI, AFIGURANDO-SE-ME QUE AINDA NÃO ERA HORA DE FAZER-SE ESSA MUDANÇA.

MINHA TERCEIRA PENA FOI-ME TIRADA PELA CERTEZA QUE SENTI EM MEU ESPÍRITO DE QUE ERA DEUS QUEM ME ENSINAVA TUDO O QUE FOI DITO ACIMA E, SE DEUS EXISTIA, NÃO PODERIA DUVIDAR DO RESTO.

SEMPRE ACREDITEI TER RECEBIDO ESSA GRAÇA PELO BEM-AVENTURADO BISPO DE GENEBRA, POR HAVER DESEJADO MUITO, ANTES DE SUA MORTE, COMUNICAR-LHE MINHA AFLIÇÃO E DEPOIS, HAVER SENTIDO GRANDE DEVOÇÃO E RECEBIDO, POR SEU INTERMÉDIO, MUITOS FAVORES. NAQUELA OCASIÃO, SEI TER HAVIDO ALGUM MOTIVO PARA CRÊ-LO ASSIM, DO QUE AGORA NÃO ME LEMBRO”. (LUÍSA DE MARILLAC – ESCRITO 3)



ILUMINAÇÃO
TEOLÓGICO-
VICENTINA
2023

INTRODUÇÃO

Para quem se dispõe a conhecer um pouco mais a vida e obra de Santa Luísa de Marillac, a Luz de Pentecostes – também conhecida pela palavra francesa *Lumière* (luz) - é, obrigatoriamente, uma experiência a ser revisitada. Trata-se, contudo, de um evento da envergadura da profundidade e complexidade que foi a existência de Luísa. Por isso, para o compreendermos de maneira apropriada, é oportuno olharmos para um conjunto de situações contextuais de perfil objetivo e subjetivo que levaram até ele e que dele decorrem. Como momento *kairológico*, a Luz é para Luísa e, para nós hoje, ponto de chegada e de partida, tempo propício para discernimentos e (re)afirmação de propósitos para o que, como ela mesma sinaliza, Deus educa sua interioridade.

Desse movimento interior e espiritual emanou um dinamismo missionário que se dilatou, ao longo dos anos, em experiências fecundas e novidadeiras que plasmaram o que hoje conhecemos como Carisma Vicentino – ou, para sermos, mais justos, Carisma Vicentino-Marillacano. É esse mesmo carisma que hoje confere vitalidade e relevância à nossa missão educativa, fundada sob o legado espiritual e apostólico dos Fundadores.

Portanto, a reflexão sobre a Luz de Pentecostes é uma via para ampliar o conhecimento sobre nossas origens carismáticas e, ao mesmo tempo, um convite para a percepção das “idas e vindas” que o Espírito de Abbá continua a suscitar nos caminhos do mundo de hoje pelo caminhar daqueles e daquelas que, inspirados/as em Luísa de Marillac, também se deixam ensinar por Deus.

CONTEXTO

Luísa de Marillac se casou com Antonio Le Gras em 1613 e seu filho Miguel nasceu prematuro neste mesmo ano. Durante oito anos, Luísa construiu a família que não teve, aprendeu a amar seu marido e foi feliz no casamento que ela não escolheu. Seu filho foi uma das grandes alegrias da sua vida. Entretanto, é preciso lembrar que ela é uma mulher jovem e ferida por não ter conhecido a mãe, pela morte do pai quando era adolescente, pela rejeição da família e da sociedade, pela rejeição do seu pedido para ser religiosa e, no fundo, o medo do juízo de Deus por sentir que sua existência era fruto de um pecado.

Em sua vida, Luísa de Marillac precisou descobrir, pouco a pouco, a misericórdia divina que transfigurou sua existência curando feridas, abrindo-a ainda mais aos outros, dilatando sua capacidade de amar e aprofundando sua confiança e esperança no Deus que lhe confiou o projeto das “idas e vindas” – uma constante peregrinação em direção aos mais pobres.

Em 1621, Luísa está casada há oito anos e tem um filho pequeno. Seu marido, após alguns anos cuidando dos bens dos sete filhos de Valence d’Attichy (tia de Luísa), adoece gravemente. Em dois registros da sua oração, do período inicial da doença de Antonio Le Gras, é perceptível o estado de sua alma.

Pelo ano de 1621: Durante todo o dia de São Tomé, um grande abatimento de espírito pelos sentimentos de minha própria abjeção, que me fazem aparecer como um poço de orgulho e fonte de amor próprio; sentimentos de desamparo, aniquilamento de mim mesma, abandono de Deus merecido por minhas infidelidades, com uma opressão de coração, tão grande, que nos momentos mais violentos, fazia-me sofrer até no corpo. (SL E.1).

1622: E, na terça-feira seguinte, dia da conversão de São Paulo, considerando na minha meditação, que Jesus destruía inteiramente os impedimentos e suas operações divinas para a execução de seus desígnios, tanto neste Santo como em todos os gentios, de repente, senti meu espírito atormentado por grandes e mui vivas penas, que quase me impossibilitam de me confessar e estas penas chegaram a tal ponto que, se tivesse revelado e feito o que me impeliam a fazer, creio que... (SL E.2).

Em Luísa há um desejo enorme de cumprir a vontade de Deus, de unir-se a ele; sua “avidez espiritual”, necessidade de segurança e certo exagero são algumas das marcas de sua personalidade com as quais terá que lidar ao longo da vida. Além disso, após tantos abandonos, maus-tratos e frustrações, ela desenvolveu visível depreciação de si mesma, angústia e convicção de estar sendo castigada por Deus por motivos razoáveis. Tudo isso repercutiu em seu corpo, gerando dores físicas. A vida depositou o medo no espírito e no corpo de Luísa de Marillac: medo do futuro, do desconhecido. Ela nunca teve estabilidade – a cada sonho, a cada “ganho”, um fracasso, um desamparo.

De 1621 a 1623, Luísa passou pela fase mais intensa de sua purificação. De 1621-1629, apesar da “Luz” em 1623, ela viveu o duro conflito entre crer na misericórdia de Deus e sentir-se objeto de sua justiça. Seus sofrimentos eram vistos como justiça divina em virtude de seus pecados. A convicção de que merecia ser castigada por eles e por sua história de vida fez Luísa de Marillac adoecer. A misericórdia parecia ser somente uma ideia, um conceito e não experiência.

EVENTO

A Luz é o nome dado pela própria Luísa de Marillac à experiência mística que aconteceu no domingo de Pentecostes, 4 de junho de 1623. O pequeno papel com o texto escrito por Luísa é conservado no Arquivo da Congregação da Missão, em Paris.

Seu marido está muito mal de saúde a ponto de Luísa fazer um voto de não se casar novamente, caso ele viesse a falecer. Ela relata que, na solenidade da Ascensão do Senhor, caiu num grande abatimento por conta de 3 dúvidas:

1. Como ela havia feito voto de se consagrar a Deus e não cumpriu (lembramos que foi rejeitada pelo Padre Provincial das Capuchinhas anos antes), acreditava que Deus a punia por intermédio da doença do seu marido. A conclusão “lógica” era que se deixasse o marido e fosse para um convento tudo se resolveria, e ela poderia servir a Deus e ao próximo.
2. Seu diretor espiritual, Pedro Camus, tinha sido nomeado bispo de Belley, distante de Paris. Luísa reconhecia sentir um grande apego e se questionava se deveria escolher outro diretor que estivesse mais próximo.
3. Começou a duvidar da imortalidade da alma.

As três dúvidas podem parecer bobagem para nós, em pleno século XXI, no entanto, para uma mulher do século XVII que viveu as dores, abandonos e inseguranças de Luísa, tudo isso que sentia e pensava era motivo suficiente para adoecer. É muito provável que ela estivesse numa depressão aguda e na noite escura da alma que, na espiritualidade, significa desolação profunda, como se Deus não se fizesse mais presente.

Em seu registro, Luísa diz que não se lembra se estava na missa ou rezando na Igreja quando sentiu a profunda consolação de Deus que a esclareceu de suas dúvidas.

1. Deveria permanecer com seu marido porque viria o dia em se consagraria numa pequena comunidade com outras pessoas que fariam também os votos de castidade, pobreza e obediência. Isso aconteceria num lugar onde se serviria próximo porque haveria "idas e vindas". Evidentemente, ela só entendeu o que se referia ao marido, uma vez que desde o Concílio de Trento estava proibido que congregações femininas tivessem vida ativa, isto é, deveriam permanecer somente dentro dos conventos. Atendiam os pobres e doentes e davam aulas, mas todos deveriam ir até os conventos.
2. Foi-lhe garantido que Deus mesmo lhe daria outro diretor e, por isso, poderia ficar em paz e não fazer nenhuma mudança naquele momento. Afirma que sentiu repugnância em aceitar isso. Ela e Vicente de Paulo só irão se encontrar em 1624.
3. Ela sentiu certeza absoluta de que era Deus quem a esclarecia, portanto, se Ele existia não poderia duvidar da imortalidade da alma.

Ela conclui dizendo que acreditava ter recebido essa graça por meio da intercessão do antigo bispo de Genebra, São Francisco de Sales, que ela conheceu durante sua estadia de um ano em Paris. Luísa aproveitou muito de suas conversas com São Francisco de Sales, leu seus livros e assumiu o regulamento de vida proposto em uma de suas obras (Introdução à Vida Devota) e que está no Escrito 4, do livro "Correspondência e Escritos de Luísa de Marillac".

A graça da paz, fruto do amor misericordioso, é consequência inevitável no coração daquele que, ciente de sua miséria e não tendo a quem recorrer, se abandona nos braços do Senhor. Consolada, porque se sentiu acolhida e esclarecida por Deus, Luísa é capaz ampliar sua capacidade de amar sendo ainda mais paciente, generosa e misericordiosa no acompanhamento ao marido. Ofereceu-lhe sua atenção, seus cuidados, mas também compartilhou sua fé, que certamente ajudou Antonio Le Gras a aproveitar tão bem de sua doença para aproximar-se mais do Senhor. Luísa cuidou de Antonio durante mais dois anos e meio. Antonio faleceu em 21 de dezembro de 1625 e, em duas cartas ao Padre Hilarion Rebours, primo de seu esposo, Luísa conta que ele faleceu em paz e em comunhão com Deus. Neste momento, tanto a segunda quanto a terceira dúvida já tinham sido sanadas. A consagração a Deus numa comunidade aconteceria dez anos depois, em 1633. Era preciso avançar um pouco mais na peregrinação na fé.

LEGADO

A revisita à Luz de Pentecostes como acontecimento singular da vida de Santa Luísa nos possibilita uma releitura de nossa vida e missão. Entre as muitas reflexões possíveis, indicamos dois movimentos como convites dirigidos a nós, em estreita sintonia com nossa prática educativa:

1. *A atitude contemplativa da presença amorosa de Deus na vida de Luísa, e sua abertura para a ação transformadora da graça divina.*

Não obstante as ausências e inconstâncias das expressões de amor e cuidado em sua história pessoal, Luísa deixa-se amar pelo Senhor. Com os recursos humanos e espirituais que lhe eram acessíveis e próprios de sua época, ela empreendeu um sincero trabalho interior de descoberta de si e da vontade de Deus. Como sua história comprova e ela mesma afirma, esse itinerário pessoal foi tecido sob as marcas e o encontro com a Cruz de Cristo no sofrimento.

Já poetizava Cora Coralina: “coração é terra que ninguém vê. Isso nos coloca diante da importância do respeito e empatia com as experiências pessoais que cada pessoa vive, e de nossa tarefa, como educadores/as, em oportunizar momentos e espaços voltados à uma educação da interioridade, tanto em relação à perspectiva socioemocional quanto à espiritualidade propriamente dita.

Como primeira tarefa, está o compromisso de cada educador/a em zelar por essa dimensão de sua formação permanente. Isso implica, por exemplo, amadurecermos visões limitadas que podemos carregar acerca do lugar e da ação de Deus em nossa vida e na vida do mundo. Ainda lidamos com percepções infantilizadas de um Deus que intervém de modo arbitrário nas situações do cotidiano, compreensão essa que, na maioria das vezes, é fruto de nossas projeções sobre o sagrado.

De outra parte, há o risco de, como Luísa sentiu nos primeiros anos, pensar que Deus atua como um alguém que nos vigia e castiga por nossos erros, e nos cobra por promessas não cumpridas. Certamente, um Deus legalista não é o Deus de Jesus Cristo revelado no Evangelho e experienciado por nossos Fundadores. Em tempos em que as narrativas religiosas são usurpadas para fins questionáveis, o discernimento é uma urgência pedagógica e mistagógica. O critério para discernir é muito pontual: a compaixão solidária com as pessoas, particularmente os pobres, e com o planeta. Onde impera o ódio, a intolerância, a avareza, a autorreferencialidade e o preconceito com os mais vulneráveis, Deus não habita! Essa convicção nos possibilita experienciar a paz interior que Luísa sentiu diante do esclarecimento de suas dúvidas de fé. Quando olhamos para os desencontros e cruces de nossa realidade e nos ocorre a pergunta sobre onde está Deus nisso tudo, a resposta mais lúcida dirá sempre: do lado dos pobres, dos fracos e enfraquecidos, em uma presença que não é teórica, ideológica ou assistencialista, mas radicalmente (no sentido de raiz) evangélica.

2. *A atitude oblativa na vivência do amor a Deus que se comunica no amor às pessoas próximas, especialmente as mais empobrecidas e vulneráveis.*

A Luz não se resume em um fato biográfico de relevo na vida de nossa Fundadora, mas em uma experiência da qual emana uma herança espiritual e missionária que repercute em nossas opções e práticas hoje. Isso representa a continuidade criativa que nossa missão imprime às intuições originárias de nosso carisma.

Recordemos que foi na colaboração aos projetos empreendidos por São Vicente junto aos pobres que Santa Luísa foi retomando e entendendo a fundo o significado de sua experiência espiritual. Da mesma forma, são nos encontros e reencontros de todos os dias que entendemos o significado das nossas “idas e vindas”, das novidades que também nós somos chamados e chamadas a gestar em um tempo que muda em uma velocidade assustadora.

É nessa temporalidade acelerada que consome nossas agendas e nossas rotinas que surge o desafio de construir experiências e relações significativas, que nos educam para o essencial do ser e do conviver. A escola é um incubadora de sentidos e significados, e nossa contribuição educativa está justamente em favorecer que esses horizontes da existência, ao que damos o nome de projeto de vida, possam germinar, florescer, produzir e gerar novas sementes. A oblação é a generosidade do amor que tem propósito, tal como a metáfora do grão de trigo que se deita na terra porque sabe que despertará transformado (cf. Jo 12, 24-26).

O legado que recebemos de Luísa a partir da experiência da Luz de Pentecostes é a consciência de que, como ela, as perguntas movem a caminhada da vida e as respostas vão se colocando no percurso, nos acontecimentos notáveis, mas também nos detalhes que acompanham a paisagem. As “idas e vindas” nos recordam nossa alma de peregrinas e peregrinos - no idioma da educação, diríamos *aprendentes* - dimensão essencial que nos mantém nas andanças de nossa missão educativa, que é, por natureza, ambiência de muitas perguntas. Pela consciência do peregrinar, Deus continua nos (co)movendo para a bondade, a justiça e a verdade, atributos de Sua divindade fecundados em nossa humanidade.

Irmã Carolina Mureb, FC

Irmã Raquel de Fátima Colet, FC